



BELLE TOUJOURS 2006

Realização e argumento: Manoel de Oliveira
Direção de fotografia: Sabine Lancelin
Direção artística: Christian Marti
Guarda-roupa: Milena Canonero
Caracterização: Emmanuelle Fèvre
Música: Excertos da Sinfonia nº 8, em Sol Maior, op. 88 de Antonin Dvorak, interpretada pela Orquestra Gulbenkian sob a direcção de Lawrence Foster
Som: Henri Maïkoff
Montagem sonora: Mikaël Barre
Mistura sonora: Jean-Pierre Laforce
Montagem: Valérie Loiseleux
Interpretação: Michel Piccoli (Henri Husson), Bulle Ogier (Séverine Serizy), Ricardo Trêpa (o *barman*), Leonor Baldaque (a prostituta mais nova), Júlia Buísel (a prostituta mais velha), etc.

Produção: Miguel Cadilhe para a Filbox
Produtor executivo: Serge Lalou
Direção de produção: Jacques Arhex, Joaquim Carvalho
Cópia: 35mm, cor
Duração: 68 minutos
Estreia mundial: Festival de Veneza, 8 de setembro de 2006
Estreia em Portugal: 5 de julho de 2007.

CONSIDERAÇÕES SOBRE LUIS BUÑUEL

Buñuel não tem esperança na medida em que, para ele, o Homem está remetido ao irreparável. E, sem dúvida, esta ideia é consequência de outra: se Deus existisse, ele seria um criador desleal.

Buñuel exprime como que uma raiva, uma revolta, ou uma vingança face a uma criação que é perversa a seus olhos. Sendo agnóstico, Buñuel declarou, nas suas escolhas de artista e



Fotografias de cena do filme *Belle Toujours* (2006) de Manoel de Oliveira.

de surrealista, que aceitava, com toda a lucidez, a existência do mistério, acrescentando que só faltava ao mistério de hoje uma explicação.

E que quando esta fosse encontrada, o mistério desapareceria para não ser mais do que uma realidade ordinária.

Esta ideia vem a Buñuel, provavelmente, do seu subconsciente, distanciado da ideia de um deus criador, mesmo que imerso num espaço cósmico, à imagem do cego incapaz de experimentar a realidade concreta senão através do toque, apalpando.

Será isto que nos é transmitido através dos seus filmes, como se Buñuel os tivesse feito às apalpadelas?

O cego de *Los olvidados* (Os Esquecidos, 1950) disse nos dá uma imagem fugaz, ou então o de

Viridiana (1961) que, na sequência da ceia, retoma a ideia fixa de Buñuel de que os cegos são maus por natureza. Tem Deus olhos? Tempestades, ciclones, tremores de terra, maremotos, que outra coisa são senão apalpadelas da mão de Deus?, perguntaria Buñuel.

Só poderia haver uma saída para este pessimismo: abster-se, exactamente como a avestruz, que vendo-se perseguida e em grande perigo, esconde a cabeça sob as asas ou debaixo da terra. É o caso da piedosa Viridiana que, confrontando-se com uma vida desesperada, se retira num convento, não numa procura de santidade, mas de fuga, como uma avestruz perante a dificuldade de sobreviver.

No meu filme *Belle Toujours*, Séverine acredita que a sua anomalia, mais do que carnal é psíquica, na medida em que é o espírito que faz



Fotografia de rodagem do filme *Belle Toujours* (2006) de Manoel de Oliveira.

agir a carne, essa carne fatalmente condenada a desaparecer na morte.

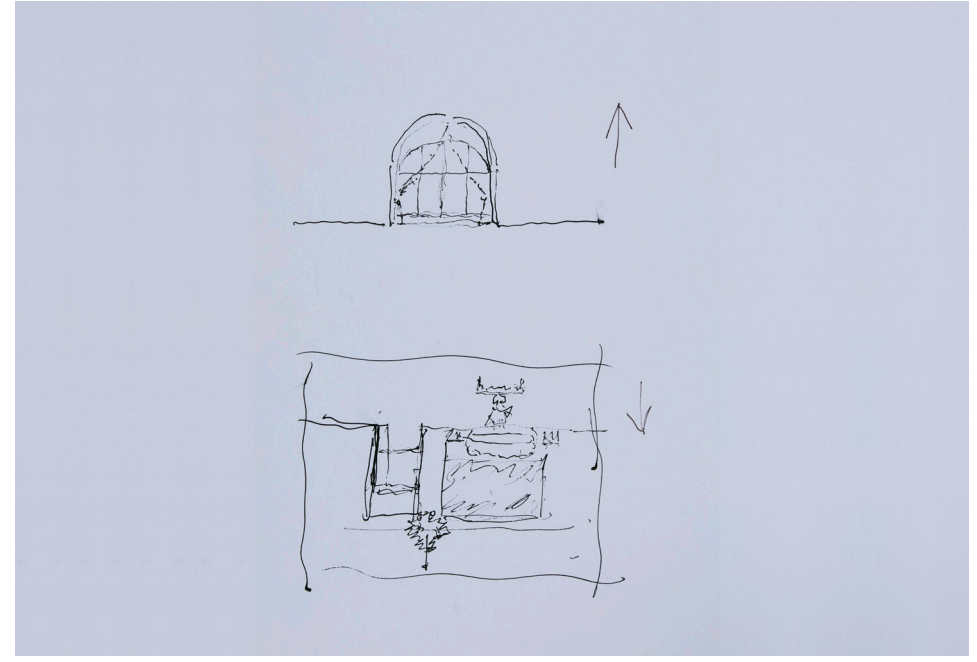
A natureza consubstancial do corpo que advém matéria submete-o à morte. O meu filme *Acto da Primavera* (1963) começava já com estas palavras da Bíblia: “No princípio era o verbo e o verbo fez-se carne”. Fazendo-se carne, Cristo estava condenado à morte. Assim, do mesmo modo que Séverine não recorre à purificação da sua alma, mas do seu espírito julgado imortal, Husson procura alívio na sua própria tortura ou, melhor ainda, torturando o outro e procurando sempre no outro o mais torturado. Neste caso, Séverine.

Dar-lhe-á isso alívio como o álcool? A solidariedade, o altruísmo, a generosidade, brilham sempre mais sobre a vertente épica das grandes tragédias, como o sol afastado da terra. Terá o galo de *Belle*

Toujours ficado espantado ao descobrir a discórdia entre os homens?

Como animal, o homem comporta-se de maneira animal graças aos instintos.

Será que, neste contexto, o instinto de sobrevivência seria a raiz desse poder que só pertence aos deuses e gera muitas vezes no homem a atracção suprema pela dominação que o leva a tornar-se senhor das terras que não lhe pertencem, esquecendo os actos generosos e o altruísmo? Diz-se que somos mais pessimistas em público do que em privado. Só a esperança domina o pessimismo. Mas, por infelicidade, só a vingança dá um carácter absoluto e sacia, como a carne mata a fome. De uma certa maneira, podemos dizer que Buñuel vai procurar no surrealismo, ou seja, nos instintos, o seu meio de criticar a realidade da vida social corrente.



Esquema para cenografia do filme *Belle Toujours* (2006) de Manoel de Oliveira, depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves.

O que o torna estranho, provocador, por vezes agressivo e sempre irónico.

É certo, também, que em *Belle de jour* (A Bela de Dia, 1967) se opõem servidos e serviçais e é a estes últimos que cabe limpar a sujidade dos primeiros. Temo que o meu apelo se tenha tornado super-realismo.

Manoel de Oliveira
(in *Cahiers du Cinéma*, n.º 622, abril de 2007, p. 38).